

MANUEL CLEMENTE

NUNCA FIQUES  
ONDE JÁ NÃO ESTÁS

## BILHETE DE VOLTA

Nem todos os sítios são o nosso lugar.

Há momentos em que precisamos de partir para poder ficar. Ficar em paz. Ficar conscientes. Ficar mais próximos de quem realmente somos.

Sempre que nos afastamos da nossa essência, perdemos o equilíbrio. Tudo se torna mais doloroso, insuportável e sem sentido. Por (falta de) amor, sujeitamo-nos a experiências dispensáveis. Acreditamos que não merecemos, que não conseguimos e que a força do que «tem de ser» é impiedosa.

Tardamos em despertar. Culpamos o mundo e culpamo-nos a nós próprios. O tempo não é muito. Ainda assim, decidimos esperar mais um pouco. Vamos ficando por entre espaços, pensamentos e sentimentos que não nos servem. Perdemos-nos no meio de medos, ansiedades e preocupações, incapazes de prevenir a incerteza da inevitabilidade.

Temos de retornar à base, onde não somos carregados com os pesos da existência, mas pela energia única que nos caracteriza. Já todos vestimos a vida pelo avesso. Faz parte. Assim que nos damos conta, devemos despir-nos, escutar o lado esquerdo e vesti-la pelo direito. No fundo, este sempre foi o propósito que tanto almejamos.

Espero que as próximas páginas te permitam ver a falta que fazes e a importância que tens. Deixa-te lev(ant)ar, para que possas trazer as tuas respostas. Apesar de não estarmos no mesmo barco, nunca duvides de que todos partilhamos o mesmo oceano e que cada um está a tentar navegar o melhor que pode e sabe.

# PILOTO AUTOMÁTICO

*É muito difícil sair – até se sair.  
Depois, é a coisa mais fácil do mundo.*

JOHN GREEN

Tudo aquilo que voa, em algum momento, tem de parar, mais que não seja para descansar ou reabastecer para a travessia seguinte. O tempo não é exceção. Afirmamos perentoriamente que este esvoaça sem esperar por ninguém, que conspira contra os nossos sonhos e que, assim que damos por nós, já passou. Mesmo que os grãos nunca cessem de escapar pelo estreito canal da ampulheta, a largura desta passagem, ou pelo menos a percepção que temos dela, pode ser moldada pelas decisões que tomamos.

Ninguém tem o poder de parar o tempo, mas qualquer um de nós é capaz de o abrandar. Neste momento, estou há dois meses a viver em Nova Iorque. Custa-me a acreditar que se passaram apenas sessenta dias desde a minha chegada. Apesar de viver numa das cidades mais agitadas do mundo, sinto que a vida desacelerou. Tendo em conta todas as experiências que já vivi, parece-me que estou nesta cidade há quase meio ano, no mínimo. Na verdade, esta não é a primeira vez que tenho uma sensação semelhante. O mesmo já se tinha passado noutras aventuras pelo estrangeiro, onde, uma vez mais, a experiência excedia a duração. Se não quisermos ir ao extremo, basta lembrarmo-nos

das férias num lugar novo, onde uma semana preenchida de novidades e alegria facilmente se faz passar por um mês bem vivido. Em sentido oposto, recordo-me dos anos repetidos, rotineiros e sem grande entusiasmo, quando os meses galopavam e, a cada 31 de dezembro, exclamava: «Este ano passou a voar!» A vida parecia curta para que nela coubessem tantas ocupações enfadonhas, desgastantes e sem sentido.

Viver intensamente, descobrir lugares novos e aprender o máximo possível é o que faz o tempo «parar». Estarmos despertos, vivos e atentos àquilo que se passa à nossa volta. Os anos só voam se nos deixarmos ficar para sempre com os pés na terra. A estabilidade das raízes permite-nos sustentar a nossa verticalidade, mas impede-nos de ir além. Ficamos onde e como estamos, a ver os dias passar, na errada certeza de que «a vida é mesmo assim». Ligamos o piloto automático porque é aparentemente mais fácil tirar as mãos do volante e deixar que escolham por nós. E é por isso que pergunto: quando é que foi a última vez que fizeste escala para repensar o destino que estás a dar à vida? Não me refiro às férias para recuperar a energia para retomar o dia a dia. Falo, isso sim, de uma paragem honesta, frontal e com espaço para uma reflexão profunda.

Somos diariamente engolidos por uma sociedade que se desloca a alta velocidade, na qual ninguém nos disse que era importante abrandar ou fazer uma pausa. Bem pelo contrário. Fizeram questão de que interiorizássemos a expressão «parar é morrer». Andamos «a mil», atordoados por uma rotina que não zela pelos nossos interesses individuais, e há muito que largámos os comandos e nos deixámos levar. Deambulamos por aí, em ponto-morto, à espera de alguma mudança que entre, e, de preferência, que seja das automáticas. Ocupados como nunca e vazios como sempre. Tem mesmo de ser esta a nossa sina? Ou podemos tentar fazer algo diferente?

Se só agora tomaste consciência do período em que viveste dormente, não te culpes. Tiveste os teus motivos e circunstâncias

que te conduziram aí. Não remoas o passado, na ingénuia esperança de que ele possa mudar. Faz diferente daqui para a frente. Ablanda, baixa o volume do ruído e limpa as lentes. Observa-te e absorve cada emoção. Vê o que os teus sentimentos têm para te mostrar. Experimenta pensar com o coração e transforma-te. Se sentes que estás no caminho errado, muda. Se o teu corpo não concorda com a forma como preenches os dias, muda. Se o brilho dos teus olhos está a extinguir-se, muda.

Nunca é tarde para quem cede ao que a vida pede.

*Pensando bem:*

**Viver em piloto automático  
É o que nos afasta da rota.**

# MULTIDÃO

*Sempre que te encontrares do lado da maioria,  
é hora de parar e refletir.*

MARK TWAIN

Todos diferentes, mas, desde que nascemos, a tentar ser iguais – é esta a sina da maioria. Muitas vezes, sem darmos conta, só queremos ser como todos são, fazer o que todos fazem e ter a vida que todos têm. Sacrificamo-nos pela suposta «normalidade». Pagamos o que for preciso para nos juntarmos ao clube, mesmo que isso nos custe a singularidade. A estrada da mesmice acaba por esbater a individualidade que nos caracteriza e, apesar de termos feito tudo segundo as regras, acabamos por perceber que não é com esta estratégia que se ganha o jogo da vida.

Já conheço o Daniel há mais de vinte anos. Filho de um casal de professores, criado nos subúrbios de Lisboa com a ajuda da avó materna e apaixonado por carros, enfim, um rapaz como tantos outros, não fossem os sonhos guardados a distingui-lo dos demais. Sempre foi um aluno médio. As notas eram boas o suficiente para não ter problemas em casa, mas nunca chegavam para ser apontado como candidato a delegado de turma. Esforçava-se somente para passar não só de ano, mas também despercebido. Dar nas vistas era sinónimo de chatices. Aprisionado pela vergonha e pela timidez, nunca se deixou

seduzir pela espontaneidade. «Deixem-me estar na minha vidinha», dizia ele, sempre que sentia a situação a descambar. Camuflado no meio do cardume, o Daniel raramente dava a sua opinião, limitava-se a acompanhar o movimento da maioria. Para onde todos fossem, ele também ia.

A certa altura, os nossos caminhos desencontraram-se e estivemos seguramente uma década sem saber nada um do outro. Quando completei 28 anos, no meio da avalanche de felicitações que recebi através do Facebook, lá estava uma mensagem do Daniel a dar-me os parabéns e a dizer que ia estar por Lisboa no fim de semana. Motivado pelos «bons velhos tempos», decidi convidá-lo para irmos beber um copo ao Cais do Sodré, depois do jantar.

Estava uma daquelas noites de verão. O vento soprava o suficiente para refrescar os transeuntes e as ruas borbulhavam de espíritos livres, dispostos a esperar pelo sol para voltarem para casa. Assim que cheguei ao bar, o Daniel já lá estava. Com a mão que não segurava a cerveja, acenou-me e, após dois ou três «com licença», lá consegui chegar até ele. A conversa começou como quase todas entre dois homens: «O que é feito de ti, pá?» Respondi com um pouco original «cá estamos» e retribuí a pergunta. «Estou na mesma», disse ele, sem deixar claro se isso seria um motivo de alegria ou não. Contou-me que tinha casado, que comprara casa na zona de Leiria e que estava à espera do segundo filho. «Então e estás a trabalhar onde?», questionei, curioso por saber o que mais tinha mudado. «Arranjei emprego numa fábrica perto de casa. Estou lá há sete anos, mas já nem os posso ver à frente.»

A conversa e os copos em cima da mesa foram-se acumulando. À medida que o álcool se foi entranhando na corrente sanguínea do Daniel, tornava-se clara a seguinte evidência: ele não estava feliz. Agrilhado a uma existência que ele próprio tinha idealizado, estava a tomar consciência, da forma mais dolorosa, das consequências de seguir a multidão sem a questionar sobre o rumo que pretende seguir.

Já passava da meia-noite quando me confidenciou: «Sabes, Manel, nunca me quis casar nem ter filhos, e muito menos trabalhar naquele lugar.» Num tom ingénuo e sem julgamento, perguntei-lhe porque o tinha feito, se ia contra aquilo que sentia. O silêncio instalou-se por breves instantes, sendo apenas interrompido por um vago e desanimado «teve de ser». Aquelas três palavras lançaram o mote para falar de outros temas, seguramente mais leves, até chamar um Uber e ir para casa.

Naquela viagem de regresso, que não durou mais de 25 minutos, dei por mim no banco de trás, absorto nos meus pensamentos, de volta da seguinte questão: se fazer o que a maioria das pessoas faz fosse o mais acertado, não seria de esperar que todos estivéssemos mais felizes? Pareceu-me uma dedução simples, demasiado óbvia para ser falaciosa. Sejam quais forem os motivos que nos movem, nada justifica ingressar num movimento que não defende os nossos interesses. Inebriados pela busca de conforto e sentimento de pertença, forçamo-nos a desempenhar papéis que não foram escritos para nós. A escada que nos convidam a subir: não é por estar inclinada que nos irá levar ao topo, à nossa melhor versão, nem ao limite do potencial com que nascemos.

Muitos, quando se apercebem de que fizeram «asneira», julgam ser demasiado tarde para alterar o rumo dos acontecimentos. Alguns culpam-se pelas decisões sem sentido, outros convertem-se em vítimas, mas poucos são aqueles que assumem a responsabilidade e tentam fazer diferente. Não é por a nódoa ter caído no melhor pano que vamos deixar de o lavar e de lhe dar um novo uso. Até pode parecer que existem muitas opções, mas creio que apenas duas merecem ser tidas em consideração. A primeira, e ainda bastante recorrente, é o facto de termos na nossa posse todos os motivos e mais alguns para mudar. Além da certeza absoluta de que dali só podem vir mais desgostos e, ainda assim, se mantém a «vida» que se leva. Entre o medíocre, mas familiar, e o diferente, contudo incerto, ficar na mesma

aparenta ser sempre o mais seguro, não é? A segunda opção, mais assustadora a curto prazo, passa por um desaparego gradual e total de tudo aquilo que já sabemos que não é para nós. De que outra forma conseguiríamos abrir espaço ao novo, ao diferente e, quem sabe, a uma vida mais feliz?

Gostava de finalizar com boas notícias, uma prova de superação – mas não posso. Pelo menos, para já. Neste preciso instante, altura em que termino de escrever o capítulo, o Daniel está a enfrentar um cancro no estômago. Desde a nossa conversa, nada mudou. Continuou a desafiar o seu bem-estar, tentando provar que era possível viver sem ele. Era essa a sua vontade, mas não a do seu corpo. Podemos até ser capazes de fugir durante algum tempo, mas o certo é que nenhum lugar é distante o suficiente para esconder aquilo que nos incomoda.

Não esperes que a vida te obrigue a mudar à força, sem qualquer preparação. Começa hoje, agora, por quem te ama e, fundamentalmente, por ti.

*Pensando bem:*

Por maior que seja,  
A multidão não me pode  
Levar a lado nenhum.



a·mor·-pró·pri·o

[ɐ.m,or.pr'o.pɾju] *nome masculino*

---

Um seguro contra todos os riscos  
que tentarem fazer no nosso valor.

# 11H11

*A intuição não te diz o que queres ouvir;  
diz-te o que precisas de ouvir.*

SONIA CHOQUETTE

Muito se tem falado sobre a intuição e a importância dos sinais que vamos recebendo. Perante a falta de fundamentos lógicos e racionais, podemos afirmar que existem duas categorias de pessoas: as que acreditam e as céticas. Entre ambas as fações, também é possível identificar os desconfiados, mas que, quando lhes dá jeito, até recorrem à astrologia e à numerologia, por exemplo. A primeira vez que tive contacto com o significado dos números aconteceu por via de uma amiga. Ela era uma pessoa bastante sensitiva e chegou até a dedicar-se à leitura das cartas de *Tarot*. Nunca acreditei ou deixei de acreditar, mas sempre respeitei. Não me cabe julgar as crenças das pessoas. Caso seja algo que permita que te sintas bem e que te ajude a aproximar de quem realmente és, então parece-me que faz todo o sentido.

Numa das nossas inúmeras (e longas) conversas, falámos da interpretação das horas iguais, ou capicuas: 22h22, 13h31, 17h17, etc. Naquela altura, acontecia-me muitas vezes olhar para o relógio e ver aqueles números. Fosse no pulso, no telemóvel ou no computador, lá estavam eles. Com pouca tendência

para acreditar em casualidades, questioneei-a acerca do fenómeno. De forma sucinta, explicou-me que se tratava de mensagens do Universo. Recados subtis que visavam captar a nossa atenção, deixar-nos mais conscientes daquilo que estávamos a sentir e confiantes face ao futuro. Achei curiosa a explicação. Dali em diante, tentei estar ainda mais atento aos números.

Por norma, existe uma certa tendência para considerar apenas o lado mais «cor-de-rosa» destes temas. Recordo-me de um colega que apenas lia o horóscopo até ao fim se este falasse bem do seu signo. Quando o que vinha escrito não lhe convinha, desvalorizava e dizia: «Isto também é tudo uma treta.» O mesmo se passa com a intuição. No momento em que temos um bom pressentimento, mesmo que sem motivos palpáveis, enchemo-nos de confiança e acreditamos cegamente. Por outro lado, há instantes em que preferimos virar a cara aos sinais, porque morremos de medo de encarar a verdade. Adiamos e adiamos, na curta esperança de que a vida nos prove que estávamos errados – o que normalmente não acontece.

O bom das lições que entram à força é que dificilmente nos esquecemos delas. Quando nos «sai do pelo», em regra, fica-nos cravado na memória, não é? Há uns anos, no tempo em que ainda trabalhava como gestor, fui chamado para uma entrevista de emprego. Empolgado com a oportunidade e com o ego massajado, aceitei o convite. Já queria sair da empresa onde estava, por isso não podia mesmo desperdiçar a oportunidade. No dia agendado, um pouco antes das 11 da manhã, cheguei às instalações e apresentei-me. A senhora que estava na receção nem um «bom-dia» me deu. Sentia-se um ambiente pouco convidativo, mas tentei desvalorizar: «Coitada, se calhar está a ter um dia mau», pensei. Ainda de sorriso guardado, olhou-me por cima dos óculos e pediu-me que a acompanhasse. Levou-me até à sala onde iria decorrer a entrevista e, antes de fechar a porta, disse-me: «Pode sentar-se e aguardar, que o doutor já vem ter consigo.» Agradei, puxei de uma cadeira e esperei.

Os primeiros dez minutos foram de contemplação. Vi as fotografias que estavam na secretária, apreciei as molduras na parede e observei a vista para o parque de estacionamento. Aborrecido com o atraso, consultei as horas no telemóvel. Fiquei aliviado. O relógio marcava 11h11, algo que, na minha interpretação, seria um bom sinal. «Está tudo certo», pensei, na tentativa de justificar o desconforto que sentia. Farto de estar sentado, levantei-me e dei algumas voltas à mesa. Às 11h20, decidi que só iria aguardar mais dez minutos. «Isto é uma falta de respeito», dizia, a reclamar sozinho. Sempre tive o cuidado de não deixar ninguém à espera. O meu tempo não é mais valioso do que o de ninguém. Por isso, o mínimo que espero é que façam o mesmo comigo, ou que pelo menos me informem do motivo do atraso. Para ser sincero, não contava chegar à meia hora de espera, daí ter prometido abandonar a sala. A verdade é que aconteceu e ainda me dirigi à porta para sair. Tudo me dizia que me fosse embora, mas a cobardia e a razão voltaram a sentar-me na cadeira. «E se não consigo outra oportunidade?», «E se a proposta até for boa?», «E se fico malvisto?». A fábrica de argumentos começou a trabalhar a todo o vapor, levando-me a acreditar que talvez fosse uma atitude impulsiva desistir da entrevista. Respirei fundo, mas chateado, e estabeleci uma nova meta: quinze minutos. «Vou só dar mais um quarto de hora», afirmei, decidido. Entretanto, comecei a sentir-me fraco e com fome. Por sorte, tinha à disposição uma tigela cheia de rebuçados do tipo «flocos de neve». Desembrulhei o plástico vermelho e pus um na boca. Para compensar o incómodo, tirei mais dois e guardei-os no bolso – só para veres a que ponto tinha chegado. A situação era tão inédita que os nervos já me davam vontade de rir. Volto a consultar as horas e são 11h44. Achas que me fui embora? Claro que não. Naquele momento, já estava por tudo. Mais que não fosse pela curiosidade de saber como iria terminar o triste episódio.

Às 11h56, oiço a porta abrir-se. «Já está aqui há muito tempo?», perguntou o doutor. Contive a gargalhada, escondi o

desconforto e, com alguns vestígios de ironia, respondi: «Estou há um bocadinho, não muito.» Sem que houvesse um pedido de desculpas, sentou-se à minha frente e avançámos para a entrevista. Ainda que tenha durado menos tempo do que a espera, a conversa correu bem, uma vez que saí com a sensação de ter causado boa impressão. O mesmo não posso afirmar de tudo o que aconteceu naquela empresa. Tudo me dizia que aquele lugar não era para mim. A sensação não foi forte a ponto de me levar a rejeitar a proposta que me apresentaram passadas duas semanas. A pouca autoestima não soube resistir ao «gostámos muito de si e adorá-íamos tê-lo connosco». Quando não temos consciência do nosso valor, qualquer valorização serve, não é? Eu não fui exceção. Um mês depois, apresentei-me no novo serviço. Depressa se dissipou o entusiasmo inicial, e as suspeitas confirmaram-se. Volvidos poucos meses, e depois de digerir toda a frustração que sentia, assumi o erro e despedi-me. É capaz de ter sido o sítio onde gostei menos de trabalhar, mas, por esse motivo, também foi um lugar de muita aprendizagem e crescimento.

Por mais que custe, não devemos ignorar aquilo que sentimos. A verdade pode doer, mas só nos faz sofrer se tentarmos resistir-lhe. Ninguém consegue apreciar um quadro completo ao olhar apenas para as cores de que mais gosta. É o conjunto que proporciona a perfeição. Se realmente acreditamos que algo superior e invisível nos guia, então não podemos esperar que todos os caminhos sejam autoestradas. Alguns podem ser bastante sinuosos e acidentados, o que não quer dizer que não nos levem até onde precisamos de chegar. Queres viajar em segurança? Olha para todos os sinais.

*Pensando bem:*

**Quando peço um sinal,  
Também posso receber  
Um ponto final.**